

AS CONCEPÇÕES GEOGRÁFICAS DE CRISTÓBAL COLON.

Quem quer que, tendo exercido funções náuticas a bordo de veleiros, se dê ao estudo das primeiras navegações no Atlântico ocidental, verificará a insegurança e pouco entendimento com que muitos historiógrafos se têm ocupado de tal assunto.

Para o norte-americano George Nunn, por exemplo, tudo se deve ao "lanério" genovês Cristóforo Colombo, o qual, primeiro que ninguém e após genial percepção dos ventos e das correntes no Atlântico Norte, teria assentado em que poderia atravessar êste oceano, seguindo pela latitude das Canárias e regressando pela dos Açores.

As considerações com que Nunn pretende demonstrar a justeza dêste seu asserto foram ultimamente repetidas pelo professor brasileiro Tomaz Oscar Marcondes de Souza em artigo publicado na *Revista de História*, n.º 14, de abril-junho de 1953. E' que êste professor perfilha as opiniões de Nunn e com elas julga poder firmar os conceitos negativistas que tem vindo formulando contra as prioridades atlânticas dos navegadores portugueses do século XV. Não sabe, porém, discernir a inanidade das conjecturas de Nunn e, por isso, incorre nos deslizes de tal mentor.

Os navegadores portugueses do tempo do Infante D. Henrique, alargando as suas navegações até o *Mar do Sargão*, como o reconhece o mesmo Nunn, só podiam regressar a Portugal pelo mar dos Açores. A êles pertence, por conseguinte, a percepção do condicionalismo atlântico atribuída a Colon. — Pois se até eram êles os que procuravam ilhas a oeste dos arquipélagos de Cabo Verde, Canárias, Madeira e Açores, como está documentalmente provado!!!

E' bem conhecido aquêle caso em que, contrariando um dito intencional de D. João II, o piloto Pero de Alenquer se prontificou a fazer a viagem de ida e volta à Guiné com navios redondos de qualquer tonelagem. Ora o mais humilde técnico de navegação à vela sabe que tais navios só poderiam regressar da Guiné a Portugal descrevendo uma larga curva pelo Atlântico — a mesma curva descrita pelas naus da carreira da Índia, a qual passava pelos Açores e era designada por *volta do Sargão*.

De resto, é fato provado e assente que os caravelistas do Infante D. Henrique faziam a mesma navegação, embora a chama-

da volta da Guiné variasse em emplitude, passando, conforme o vento encontrado ao norte da altura das Canárias, pelo mar dos Açores ou da Madeira.

Vejamos, porém, como, com o arrazoado a seguir transcrito, o senhor George Nunn faz naufragar as *Geographical Conceptions of Columbus* por êle inventadas.

*

“A travessia do Atlântico tinha sido reconhecida, desde tempos remotos, como dependente dos ventos. Sêneca disse em seu livro: um navio pode vencer em poucos dias, com vento favorável, a distância da costa da Espanha à Índia. Isto é citado por Fernando Colombo como uma das opiniões de homens letrados que influenciaram seu pai na concretização do seu plano, e mostra que Colombo deu pormenorizada atenção a êsse aspecto do problema. Sem tais ventos favoráveis seria duvidoso encontrar uma tripulação bastante corajosa para enfrentar a viagem.

“Um estudo mostrará que, no norte dos Açores, prevalecia uma corrente de ventos de oeste e correntes marítimas, tornando impossível a travessia nas condições referidas por Sêneca”. (*Apud* Marcondes de Sousa, *Revista de História*, número e art. cit., pág. 463).

*

Ora estas considerações do senhor George Nunn só podem ser acreditadas por quem ignore que os navios de vela também vão à América pelo norte dos Açores. Jamais os nossos bacalhoeiros (navios de armação latina e redonda) seguiram outra rota, que só não é viável de setembro a abril. Essa rota é praticada desde o tempo de Gaspar Côrte Real e, nos meses de verão, por nenhuma outra se pode chegar à Terra Nova ou a qualquer das demais regiões limítrofes, em menos tempo.

A opinião de Sêneca teria nesta rota a sua mais perfeita concretização, pois não se tratava de abordar um determinado ponto da Índia, mas sim a própria Índia, que naquele tempo abrangia tôdas as regiões mais orientais da Ásia.

Cristóbal Colon, que não é o Cristóforo Colombo genovês e “lanério”, fêz uma ou mais viagens à Guiné. Êle era um “piloto português” da geração de Pero de Alenquer, Duarte Pacheco Pereira, Bartolomeu Dias e tantos outros, e, como qualquer dêstes, sabia que o Atlântico era navegável até aos seus confins mais remotos. O óbice estava em saber por onde ir e voltar, mas Cristóbal Colon demandou, em navios castelhanos, umas ilhas que o nosso D. João II sabia situadas ao sul do paralelo mais austral das Canárias e a que, em Portugal, se deu, desde logo, o nome de *Antilhas* e não o de *Índias*.

Antilhas — sabe tôda a gente — é forma aporuguesada e pluralizada de *Antília* — a ilha lendária que os antigos cartógrafos situavam *invariavelmente* a oeste da metade sul de Portugal, mas que Martin Behaim, domiciliado em terra portugêsa, desenhou, no seu globo de 1492, a oeste das Canárias e imediatamente ao sul do paralelo mais austral destas ilhas. Ora, Behaim era o “cavalleiro alemam” que se propunha acompanhar Fernão Dulmo e João Afonso do Estreito na viagem em que êstes pretendiam chegar à mesma *Antília*, a qual, para êles, poderia também surgir sob o aspecto múltiplo de *ylhas e terra firme*, justificando, neste caso, a designação portugêsa de *Antilhas*.

Como é óbvio, não seria senão pelo sul do paralelo mais austral das Canárias que Dulmo e Estreito rumariam para a sua *Antília*, e, dado que êstes ilhéus haviam decidido efetuar tal viagem, ninguém, com razão, poderá pretender que êles não soubessem por onde deviam regressar.

Não acerta o senhor professor Marcondes de Sousa, quando, referindo-se, no seu citado artigo, a Behaim e ao seu globo, emite as seguintes considerações:

*

“Os conhecimentos geográficos antes da viagem de Colombo, acham-se reunidos e representados gráficamente no célebre globo de Nuremberg, feito no mesmo ano dessa viagem (1492), sob a direção de Martin Behaim, que concorreu com todos os dados que naquela época constituíam descobertas recentes (posteriores à viagem de Marco Polo), a saber: as dos portugêses na costa ocidental de África até o Cabo da Boa Esperança e dos italianos, espanhóis e portugêses no mar largo fronteiro à Europa e África Setentrional.

.....
“A contribuição pessoal de Behaim foi presumivelmente limitada à representação da costa ocidental da África e das ilhas atlânticas até então definitivamente conhecidas, ao passo que a outra parte referente às costas asiáticas, êle as assinalou, segundo declara no texto, de conformidade com a narração de Marco Polo.

“Na parte representada de acôrdo com a sua contribuição pessoal, notamos os arquipélagos da Madeira, Canárias, Cabo Verde e Açores que se acham mui regularmente figuradas.

“Das ilhas imaginárias, que os cartógrafos dos séculos XIV, e XV e começo do XVI, faziam aparecer, desaparecer e mudar de posição, como as peças no taboleiro do jôgo de xadrez, à semelhança do que ocorria com as de nome *Brasil*, *Man de Satanaz*, *São Brandão*, etc., só foram conservadas no Atlântico a *Antilha* ou *Sete Cidades* e *São Brandão*, situadas muito além da zona dos

conhecimentos pessoais dêste cosmógrafo e assim presumivelmente figuradas, como as da costa asiática, sob a responsabilidade de seus colaboradores no globo, os quais seguiram as praxes estabelecidas entre os cosmógrafos e cartógrafos dessa época, ao passo que, ao que parece, Behaim na sua contribuição ao globo, caprichava em só figurar o que tinha sido verificado positivamente". (*Revista de História*, número e art. cit., págs. 461-462).

*

Isto é o que diz o senhor professor Marcondes de Sousa. Todavia, e dado que os antigos "cosmógrafos e cartógrafos" situavam invariavelmente a *Antília* a oeste da metade sul de Portugal, torna-se bem evidente que, em tal particular, a "praxe" por eles observada era esta e não outra.

No que à *Antília* respeita, haveria razão para o senhor Marcondes de Sousa invocar as "praxes estabelecidas entre os cosmógrafos e cartógrafos dessa época" se o documento por êle analisado e comentado fôsse o planisfério de Ruysch, de 1508, e não o globo de Behaim, de 1492, porque êste se filia na concepção geográfica portugueza que situava a *Antília* imediatamente ao sul do paralelo mais austral das Canárias, e aquêle, além das "*Índias*" de Castela, a que os portuguezes chamavam *Antilhas*, ainda apresenta a ilha referida a oeste da metade sul de Portugal e por fora dos Açores.

A responsabilidade de, contra as "praxes" dos antigos cartógrafos, se haver desenhado a *Antília* na altura em que figura no globo de Behaim cabe, inteira, a êste "cosmógrafo", até porque qualquer dos seus colaboradores teria reproduzido esta ilha de acôrdo com o molde convencional geralmente adotado e não como naquele globo está representada.

Para D. João II, as *ilhas occidentais* a que Cristóbal Colon aportou, com navios espanhóis, encontravam-se ao sul da altura das Canárias e eram portuguezas. Ora, Martin Behaim situa a *Antília* imediatamente ao sul da latitude mais austral das Canárias e informa que esta ilha foi descoberta por navegadores portuguezes no tempo do Infante D. Henrique.

Quer-nos parecer que uma tal legenda equivale bem a uma bandeira portugueza.

*

A viagem em que Cristóbal Colon levou a cabo o *descobrimto oficial* das *Antilhas* não era a primeira, nem mesmo a segunda, efetuada por êste navegador a tais paragens. A olhos de marinheiros é bem visível o cuidado com que Colon sempre evi-

tou o *Estreito de Yucatan*, no qual a navegação à vela só é possível em sentidos não contrariados pelo fluxo equatorial, ali tão impetuoso e considerável como no *Estreito da Flórida*, donde sai com o nome atual e generalizado de *Gulf Stream*.

Se Cristóbal Colon estivesse verdadeiramente convencido de que a *ilha de Cuba* constituía o extremo oriental do continente asiático, como o fazia crer, teria seguido a costa dessa “terra firme” até encontrar algum dos portos mencionados no livro de Marco Polo e na carta de Paolo dall Pozzo Toscanelli ao cônego português Fernão Martins. Mas êle, que não recebeu navegar na estação invernososa pelo mar dos Açores, não quis demandar a opulenta e tentadora cidade de *Quinsay*, aparentemente bem próxima da região cubana a que abordou na referida viagem e fronteira aos Açores e a Lisboa, onde tocou no seu regresso a Palos.

Na segunda viagem, tendo-se posto a explorar o que dizia ser costa meridional do continente asiático, guardou-se de atingir o extremo ocidental de *Cuba*; como na quarta viagem, em vez de seguir essa costa até encontrar as regiões indianas em que os portugueses traficavam, atravessou para o sul e foi abordar o *Cabo Honduras*, no país que atualmente tem êste nome.

Tudo se passava como se Colon estivesse prevenido contra a forte corrente do *Estreito de Yucatan*, a qual, se não houvesse sido evitada, o teria arrastado para o *Gólfo do México* e, conseqüentemente, para a costa mexicana, onde os indígenas se compraziam no sacrifício de estrangeiros ao seu ídolo *Huychilobos*, ou para a costa da *Flórida*, onde não havia ouro nem especiarias.

A *nobilíssima y gran ciudad de Quinsay*, supostamente situada na costa fronteira a Portugal e na latitude de Lisboa, nunca foi objeto das buscas de Colon, e na quarta viagem, em que se propusera alcançar as regiões indianas freqüentadas pelos portugueses, apartou-se da costa meridional de *Cuba* para seguir uma direção desaconselhada pela concepção asiática de tais regiões.

Embora afirmando ter encontrado as *Índias*, nunca Colon poderia convencer-se de tal coisa. Os países para cujos soberanos êle pedira credenciais aos Reis Católicos não podiam situar-se nas regiões que percorreu, porque nestas tudo era primitivo e selvagem e naquelas floresciam civilizações milenárias.

Cristóbal Colon, possuidor do livro de Marco Polo e duma cópia da citada carta de Toscanelli, nunca viu a sombra de um só navio asiático nos mares antilhanos. Êstes eram então mares solitários, com ilhas e terras habitadas por gente já conhecida do mesmo Colon. As bugigangas de que êle se muniu em Espanha e que lhe serviram para captar a cordialidade e os favores dos “índios” ocidentais seriam desdenhadas e escarnecidas pelos naturais do Japão ou da China.

Colon conhecia, pois, as terras novas para onde levava e encaminhara os espanhóis, e, conhecendo-as, mentia conscientemente quando as identificava com as Índias asiáticas. Procedendo dêste modo, servia a política ultramarina da côrte portugueza, cujo objetivo principal era vedar o caminho do *Atlântico Sul* e do *Índico* a possíveis concorrentes e que, secundada por Colon, conseguiu concretizar tal desiderato, fazendo recuar o meridiano raia dos domínios portuguezes para 370 léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde.

Fernando “o Católico” pôde discernir o lôgro geográfico em que fôra embaído, quando se convenceu que a Índia donde Vasco da Gama regressara em 1499 era muito diferente das “Índias” de Colon. Por isso foi êste último submetido às humilhantes disposições de Francisco de Bobadilla — o qual, fazendo côro com os seus apaniguados da *Espanola*, o acusou de entendimento com o Rei de Portugal — e apeado das suas funções de “Viso Rey y Gobernador de las Indias”, vindo a morrer desprestigiado e desposuado das suas prerrogativas, em 21 de maio de 1506.

Diremos mais: quando, de 1513, o navegador portuguez Estevão Fróis foi aprisionado, com seus companheiros de navio, na ilha *Espanola*, a carta de navegação de que êle se servia — não falseada como as que se vendiam aos estrangeiros em Lisboa — revelou aos espanhóis e ao seu Rei o que êles ignoravam. Por essa carta ficou-se a saber em Espanha que os litorais americanos do Atlântico situados ao sul da equinocial eram portuguezes desde a data do Tratado de Tordesilhas, posto que o meridiano de partilha cruzava a mesma equinocial na costa setentrional brasileira e muito a poente do seu extremo levantino. Os espanhóis não sabiam, até então, por onde passava o referido meridiano estando mesmo persuadidos de que o Cabo de Santo Agostinho fôra descoberto por Vicente Yañez Pinzon e se localizava imediatamente a leste da foz do atual Oyapoc — o rio outrora batizado com o nome daquele navegador castelhano. Daí a consulta real a que os pilotos da “Casa de la Contratación” foram intimados a responder e a que responderam, de fato, com considerações incertas e que, afinal, só mostravam a ignorância dos seus autores quanto à situação do verdadeiro Cabo de Santo Agostinho. Daí, também, a promoção da viagem de João Dias de Solis ao Rio da Prata, cuja enorme embocadura devia estar representada na carta de navegação de Estevão Fróis, pois tal decisão não pode ter sido consequência das notícias dali trazidas por João de Lisboa num dos últimos dois meses de 1514.

Em 1508 haviam partido de Espanha os dois navegadores João Dias de Solis e Vicente Yañez Pinzon para a viagem em que se propunham descobrir, no Gôlfo de Honduras, o *canal o mar abierto* por onde pudessem freqüentar o oceano Índico, que, assim se supunha ligado ao mar Caribiano e banhando, portanto, o lado ocidental do novo Continente ao sul do procurado *canal o mar abierto*. Esta viagem falhou nos seus objetivos, mas, na côrte de Espanha, não se perdeu de todo a esperança na existência, algures, na América Central, de uma passagem para o outro mar, onde se pretendia *demarcar lo de Castilla*, supostamente invadido pelos portugueses.

E' evidente que então, em Espanha, ninguém vislumbrava a possibilidade de se passar para oeste pelo sul do Brasil, pois que só em 24 de novembro de 1514 se assentava na viagem em que o mesmo João Dias de Solis devia demandar as *espaldas de Castilla del Oro* pelo Rio da Prata.

Referindo-se a êste rio, escreveu Antônio Pigafetta — o nome e estóico italiano, companheiro de Fernão de Magalhães:

“Antes se creía que no era rio, sino un canal por el cual se pasaba al mar del Sur; pero pronto se supo que no era más que un rio que tiene diecisiete leguas de ancho en su desembocadura”.

Como puderam os espanhóis persuadir-se da existência de um canal inter-oceânico no local do Rio da Prata senão por meio da carta de navegação de Estevão Fróis?! — E' bem evidente que só então lhes foi dado inteirarem-se de que a costa do Brasil, além de se retrair para oeste ao sul do Cabo de São Tomé, se interrompia na altura em que está situada a larga foz do Rio da Prata. Aquêl *pronto de supo* de Pigafetta diz-nos que a ordem dada a Solis para circundar o Continente por um “canal” existente ao sul do Brasil foi consequência duma informação pouco antes chegada à côrte de Fernando “o Católico”.

Os dizeres de Estevão Fróis, na sua carta de 30 de julho de 1514 ao rei D. Manuel, têm sido errônea e, num caso, pelo menos, tolamente interpretados. O que nessa carta escreveu o navegador quanto a limites entre os domínios de Portugal e de Castela, já fôra dito por Duarte Pacheco Pereira em 1505, no seu *Esmeraldo de situ orbis*. Neste roteiro, com efeito, figuram as seguintes passagens:

“Mas como quer que a majestade da grande natureza usa de grande variedade em sua ordem no criar e gerar das coisas, achamos por experiêcia que os homens dêste promontório de Lopo Gonçalves e de tôda a outra terra da Guiné são assaz negros, e as outras gentes que jazem

além do mar Oceano ao ocidente, que têm o grau do sol por igual como os negros da dita Guiné, são pardos quase brancos, e estas são as gentes que habitam na *terra do brasil*, de que já no segundo capítulo do primeiro livro fizemos menção”. (Cap. 11.º, do segundo livro).

Ora, no segundo capítulo do primeiro livro, e depois de se referir à extensão do novo Continente ocidental, diz o mesmo Duarte Pacheco:

“e indo por esta costa sobredita, *do mesmo círculo equinocial em diante*, por vinte e oito graus de ladeza *contra o polo antártico*, é achado nela muito e fino brasil com outras muitas coisas de que os navios nestes Reinos vêm grandemente carregados”.

*

Estas palavras de Duarte Pacheco são claras no seu significado. Elas dizem-nos que a *terra do brasil*, onde os navios portugueses podiam aportar e carregar livremente, se estendia, desde a equinocial, “por vinte e oito graus de ladeza contra o polo antártico”.

Se a costa do Brasil flectisse para sueste, como se pretendia fazer acreditar quando, em 1502 e em Lisboa, se desenhou um planisfério para o italiano Alberto Cantino, jamais Fernando “o Católico” se teria arrogado o direito de fazer demandar as *espaldas de Castilla del Oro* pelo Atlântico Sul. Esse direito só pode ter-lhe sido revelado em 1514 pela carta de navegação de Estevão Fróis.

*

Cristóbal Colon, que aconselhou, aos Reis Católicos, a adoção do meridiano situado a 370 léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde como raia divisória dos domínios de Portugal e de Castela, sabia muitíssimo bem que, do equador para o sul, eram portugueses os litorais atlânticos do novo Continente ocidental. Na sua terceira viagem espanhola, propondo-se abordar o mesmo Continente, teria ido, se pudesse, até à equinocial, mas não mais além. Nesta mesma ocasião inventou êle o mito de que o mundo era periforme e tinha a sua parte mais alta na região brasileira do equador, opinando, com fingida boa fé, estar ali *el paraíso terrenal, adonde no puede llegar nadie, salvo por voluntad divina*.

Se nesta história não se vê um estratagema para manter os espanhóis afastados da equinocial e dos litorais brasileiros, forçoso será admitir que a nenhum outro fim ela poderia servir.

Os navegadores espanhóis do tempo de Colon, pouco ou nada versados em latitudes, situavam o *Cabo do Orange* no hemisfério sul e identificavam-no com o *Cabo de Santo Agostinho*. Como em tal região não viam a Polar — único astro por que se guiavam — julgavam-se ao sul da equinocial quando, na realidade, ainda lhes faltava nada menos de quatro folgados graus para lá chegarem. Assim sucedeu a Vicente Yañez Pinzon e a Diogo de Lepe nas suas primeiras viagens ao continente sud-occidental, pois que o destemido Alonso de Hojeda, com o piloto Juan de la Cosa e o mercader Américo Vespúcio, topou a costa bastante mais a noroeste.

São de fazer rir aquêles “historiadores” que, refastelados nas suas poltronas e cheios de suficiência, invocam os mais altos, cânones científicos para “provar” que o seu genealíssimo “Vespucci” (Colon desconhecia a grafia italiana dêste apelido; escrevia *Amérigo Vespuchy*) descobriu o Brasil em 1499. Segundo êles, êste “grande navegador e cosmógrafo”, em vez de acompanhar Hojeda na sua exploração da costa de Pária, navegou das imediações occidentais do *Essequibo* até ao *Cabo de S. Roque* contra vento e corrente!!!

Se, como tudo leva a crer, Vespúcio não foi um navegador mas sim um “cosmógrafo improvisado”, ter-se-á de convir em que êstes seus panegiristas se lhe igualem em conhecimentos náuticos. Tais heresias podem considerar-se como exteriorização de um grande fervor “patriótico”, mas condenam os seus autores ao fogo eterno do Purgatório!

*

A História convencional em que se faz figurar a personalidade postiça do “lanério” genovês Cristóforo Colombo e mesmo a de Vespúcio como navegador e descobridor, não pode salvar-se do naufrágio a que os seus adeptos a levaram. Nós, que emitimos as precedentes considerações, não temos a veleidade de nos julgarmos historiador; mas, verificando os erros e inexatidões de muitos que assim se intitulam, sentimo-nos capazes de criticar e emendar os seus falsos juízos e até de, chegada a ocasião, replicar às suas flatulentas demasias.

ALEXANDRE GASPAR DA NAIA